

**XV Congresso Brasileiro de Sociologia**

**26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR)**

**GT: Sociologia da Cultura**

**Experiências em deslocamento: sentidos e práticas de viagem  
entre mochileiros contemporâneos**

**Igor Monteiro Silva**

**Universidade Federal do Ceará**

## Experiências em deslocamento: sentidos e práticas de viagem entre mochileiros contemporâneos

Igor Monteiro Silva

Universidade Federal do Ceará

[monteiro\\_igor@yahoo.com.br](mailto:monteiro_igor@yahoo.com.br)

### Introdução

Diásporas, peregrinações, colonizações, guerras... Um breve olhar sobre a história dos homens talvez nos permita afirmar que as práticas de deslocamento sempre estiveram presentes dentre suas ações. Seja para promover a anexação de territórios, expandir o comércio, para louvar uma divindade ou mesmo para adquirir conhecimento, os homens esforçaram-se para ultrapassar a fronteira do familiar, cruzaram a soleira de suas portas fazendo-se partícipes de uma pluralidade de *encontros*.

Se já em tempos remotos a *mobilidade* não poderia ser descartada como um dos traços capitais para o contorno da experiência humana, o que dizer dela agora, quando “mundos” antes tão distantes se imiscuem? Uma boa tentativa de responder a essa questão seria trabalhar com a noção de *intensificação*: a mobilidade na contemporaneidade é intensificada porque é ampliada<sup>1</sup>, ao mesmo tempo em que não mais se resume ao deslocamento físico de pessoas.

Tal intensificação da mobilidade – de uma mobilidade que agora é diversa, que conjuga em seu fluxo não só indivíduos, mas também objetos, imagens e informações – configura-se, na opinião de diversos pensadores (GIDDENS, 1991; CASTELLS, 1999 ; URRY, 2000), como um desafio para as Ciências Sociais, exigindo uma reflexão de natureza teórica e metodológica que busque escapar das armadilhas de uma espécie de niilismo pós-moderno (GIDDENS, 1991) ou da simplificação da sociedade, concebida muitas vezes

---

<sup>1</sup> A noção de *desencaixe*, proposta por A. Giddens (1991), parece ser uma boa ferramenta para enfrentarmos essa discussão. Tributário, sobretudo, de um distanciamento entre *tempo* e *espaço*, o *desencaixe* diz respeito ao “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas” (p.29).

sob o signo de uma estrutura que não se presta ao movimento ou considerada como uma entidade rigorosamente delimitada e, por conseguinte, autônoma (URRY, 2000).

O presente trabalho alinha-se nesta discussão, objetivando pensar o complexo fenômeno da mobilidade a partir de uma de suas modalidades, talvez a mais antiga, mas nem por isso devendo ser considerada estática, quais sejam as *práticas de viagem*. A viagem, como assinala Clifford (2000), apresenta-se como parte integral da “nova ordem social”, servindo-nos como uma espécie de chave de leitura para um mundo cada vez mais conectado. A idéia aqui, portanto, é perceber como um grupo muito específico de viajantes, os mochileiros ou *backpackers*, estrutura e vivencia suas experiências de deslocamento.

Procuro, assim, apresentar o coletivo em questão, centrando-me em suas motivações e comportamentos de viagem. Esse complexo formado por motivação e comportamento, que aqui é chamado de *prática*, contempla as relações dos sujeitos viajantes com a população de seus destinos, com o mundo da tecnologia (fundamental para a organização de seus movimentos), com os locais de acomodação, com a rede de transportes locais, com as escolhas do que visitar e, conseqüentemente, do que registrar, em suma: com a maneira de *significar* suas experiências de/em trânsito e de *consumir* as localidades-destino.

É interessante destacar, por fim, que a comunicação em questão é fruto de uma pesquisa ainda em seus estágios iniciais, constituindo-se mais como um platô de inquietações que qualquer outra coisa. A intenção, nesse sentido, é dividir impressões e interpelações, tentando aproveitar ao máximo a potência crítica do espaço dialógico proporcionado por este grupo de trabalho.

### **As dificuldades de uma definição**

Embora possam ser encontrados em quase todos os lugares do globo, em um número cada vez maior, os mochileiros são um coletivo de difícil definição. Sua independência e a organização por redes talvez sejam os

principais obstáculos para a admissão da idéia destes sujeitos enquanto *grupo* ou *comunidade*. A pluralidade de motivações evocadas para justificar as viagens, também, pode ser entendida como mais um óbice.

Contudo, definições que buscam considerar a própria fluidez do *objeto* não deixam de ser ensaiadas, importando-se, sobretudo, com os seguintes aspectos: *independência*, *flexibilidade*, *economia*, *tempo*, *respeito*, *contato* e *experiência*. Mochileiros seriam, desse modo, definidos como pessoas que organizam sua viagem com o máximo de independência e flexibilidade – normalmente de forma econômica – com o objetivo de permanecer em trânsito por longos períodos, conhecendo um maior número de destinos (OLIVEIRA, 2005).

Os mochileiros praticariam, ainda, um tipo de viagem que não se contenta em “conhecer” os destinos de forma *distanciada*. Sendo assim, o *contato* figuraria como o valor basilar de seus deslocamentos, não podendo deixar de ser atrelado à noção de *experiência*: não é a chegada a um destino que importa; por mais bem estruturado para a recepção de visitantes que ele seja, por exemplo, esses sujeitos parecem buscar um “algo a mais” que diz respeito ao contato, à proximidade, uma experiência referente às emoções, também, enquanto demanda (TRIGO, 2010).

A dimensão do *respeito* parece estabelecer-se como um elemento, para estes sujeitos, quase que sagrado nas relações de contato, ao mesmo tempo em que expressa um traço distintivo entre mochileiros e turistas. Há, de acordo com Richards e Wilson (2004), algo de contra-alienante na experiência de nomadismo do mochileiro, contrapondo-se a uma celebração da alienação própria da modernidade – velocidade, desrespeito, dominação –, sintetizada, segundo alguns *backpackers*, na imagem do turista. Assim, *backpackers*, em certo sentido, ao tomarem para si os valores mencionados, configurariam uma espécie de rede *anti-tourism* (WELK, 2004), pelo menos no que diz respeito às dinâmicas de sua construção identitária.

A seguir, é possível notar na fala de alguns mochileiros, que me concederam entrevistas durante o ano de 2010, a presença dos valores

mencionados. Merece destaque o fato de que, em cada fala, os conceitos evocados parecem guardar uma estreita relação.

Eu não viajo para comprar broches e colocar na minha mochila, eu não sou daquele tipo de turista que está tão dentro de uma velocidade alucinante que não sabe nem onde está e olha para o seu roteiro de viagem e diz: 'hoje é quarta-feira, então isso aqui deve ser Amsterdã!'.

(M. N., paulista, 24 anos)<sup>2</sup>

A gente encontra muita gente por aí [na estrada], aí divide muita coisa, fica junto, quase amigo, aí dá saudade, mas se eu não posso mais 'tá' com o cara, se eu ou ele já 'tá' em casa? Aí, eu mando uma mensagem pelo *facebook* ou uso o *skype*<sup>3</sup>.

(B. D., carioca, 25 anos)

A primeira fala chama à baila uma crítica da velocidade que estará presente em quase todo discurso mochileiro quando se tenta definir sua prática de viagem. Há, igualmente, a atribuição da velocidade como algo próprio de uma experiência de viagem que parece não se importar com a *experiência*. É tudo tão rápido que não se *frui* o lugar, as pessoas, o encontro. Uma problematização da *rigidez* com que algumas viagens são organizadas, também, se faz presente: os sujeitos têm suas atividades previamente definidas e, no caso em questão, basta checarem seu roteiro de programações para saberem onde estão.

A segunda fala, por seu turno, enfatiza a importância do contato e revela uma economia afetiva que se engendra a partir dos encontros com as pessoas na própria *estrada*. Assim, estar *on the road*, brincando com o título do livro de Jack Kerouac, é estar aberto, no sentido amplo do termo, é assumir e ter como valor uma corpo vibrátil (ROLNIK, 1997), ou seja: um corpo que se afeta e é afetado. Em tal fala também é possível pensar sobre os locais de encontro não

---

<sup>2</sup> Os trechos aqui reproduzidos foram retirados de entrevistas feitas em julho de 2010, em um albergue da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> O *facebook* é uma rede social virtual cuja lógica constitui-se a partir da construção do perfil do usuário e dos contatos que vão sendo estabelecidos com outros usuários. O *facebook* permite, também, o compartilhamento de fotos e a formação de comunidades: redes dentro de redes que tem como referencial o interesse por um tema ou uma pessoa específica. O *skype* é uma empresa de comunicação virtual que permite a comunicação gratuita por meio de voz e imagem mediante o uso de *software* específico.

como *não-lugares* (AUGÉ, 1994), e sim como espaços que, embora sejam de passagem, mobilizam uma série de emoções que são passíveis de tentativas de perenização (as novas tecnologias funcionando como elementos de manutenção do contato, por exemplo).

Nos tópicos seguintes, debruço-me mais detalhadamente sobre os elementos presentes na definição ensaiada, procurando cotejá-los com as opiniões e relatos dos próprios mochileiros. Os discursos analisados adiante, em sua maioria, foram extraídos de entrevistas que fiz em albergues e *campings*, do país e do exterior, durante o último ano. Outras, no entanto, foram produtos de uma investigação dirigida a *blogs*, *sites* e comunidades virtuais relacionados à temática das viagens com ênfase na prática dos mochileiros.

## Sentidos

Certa vez, participando de uma discussão sobre destinos de viagem em uma comunidade virtual, me deparei com esta pergunta: *é possível viver mochileiro?* A indagação foi feita por um rapaz que afirmava ter tomado a decisão de deixar o trabalho para correr o mundo.

Tinha a esperança de comprar uma casa nesse ano. Mas quer saber? Não quero mais essa vida. 8 horas por dia trancafiado em um escritório não dá mais. Quero abrir mão de um sonho convencional (comprar um casa) para realizar um grande sonho e a verdadeira independência, ou seja, quero ser feliz e aproveitar a vida que, assim como a terra, é muito pequena<sup>4</sup>.

(M.)

A mesma aspiração por *liberdade* me foi apresentada por uma interlocutora que conheci em um albergue carioca. E. S., uma australiana de 29 anos, nascida em Brisbane, estava terminando seu *world tour* quando nos encontramos, ela havia pedido demissão de um banco privado em sua cidade para fazer, em suas palavras, “o reconhecimento de um mundo que habitava, mas não conhecia”.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [www.mochileiros.com.br](http://www.mochileiros.com.br)

As empresas privadas de lá pagam bem, tem respeito por você. Me lembro que quando meu pai morreu, passei muito tempo sem ir ao trabalho e quando eles souberam da causa pagaram, até, uma psicóloga. Mas eu queria sair, ver o mundo, meus amigos viajavam, eu ficava com inveja quando via as fotos.

Tanto para M. quanto para E. S. a prática da viagem não se dissocia de um exercício de liberdade. Segundo Richards e Wilson (2004), este ideal de liberdade, tão presente nas falas dos mochileiros, é o que impulsiona o sujeito a abandonar uma realidade que muitas vezes, para ele, apresenta-se como algo constrangedor. O ato, portanto, de pôr a mochila nas costas e fazer um *world tour* parece configurar-se como uma resposta a um processo de rotinização que mecaniza ou esteriliza os sujeitos.

É importante destacar que o desejo de liberdade não se apresenta apenas como o estopim da viagem, ele é recorrente em todo o processo, podendo ser localizado na própria dinâmica do deslocamento, por exemplo, quando os sujeitos tomam para si a decisão dos seus próprios itinerários ou fazem uso das possibilidades de troca de seus planos de viagem (BINDER, 2004; WELK, 2004).

É claro que eu organizei a minha viagem! Mas ela não saiu como eu planejei! Em cada lugar eu troquei de planos, fiquei mais tempo do que pensei, aqui mesmo, no Rio, certamente eu vou ficar mais tempo que planejei.

(E. S., *australiana*, 29 anos.)

A idéia da viagem como instrumento de aquisição do conhecimento, assim como caminho para a auto-reflexão, também figura como um dos principais elementos motivadores do deslocamento. A saída de seu ambiente familiar, da rotina, somada à viagem feita de forma independente, põem o sujeito em comunicação com ele mesmo. São muitos os relatos, por exemplos, de viajantes que se sentiram estimulados a olhar para si mesmo a partir de um olhar dirigido ao outro. Peregrinações, também nesse sentido, podem ser consideradas como espaços propícios à reflexão numa atmosfera de suspensão da vida ordinária destes sujeitos<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Certa feita, na cidade de Lisboa, Portugal, conheci um mochileiro chileno que me narrou com extremo entusiasmo sua experiência no Caminho de Santiago de Compostela, Espanha. Associei, imediatamente, tal excitação à realização de uma ação, por exemplo, condizente à

Sobre a possibilidade de se adquirir conhecimento durante as viagens, é importante destacar que esta não é uma colocação nova. Dentro de tal perspectiva, estamos diante, portanto, de um tipo de pedagogia (ROCHE, 2003) muito decantado entre os nobres europeus de séculos passados (XVI, XVII e XVIII). A idéia, segundo Barretto (2003, p.48), “era que os jovens – que depois viriam a exercer cargos na classe dirigente, civil ou militar – adquirissem experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra”.

A valorização do *deslocar-se* como oportunidade de crescimento pessoal e conhecimento pode ser também localizada na fala seguintes, retirada de um fórum virtual cuja principal questão discutida consistia em: *o que é ser mochileiro?*

Nada mais gratificante do que, neste mundo globalizado, onde tudo se sabe e tudo se pensa conhecer, ter descobertas incríveis durante as viagens. Optar em sair dos circuitos turísticos comerciais e procurar desbravar o mundo com o auxílio e troca de experiências com pessoas que realmente conhecem as realidades que poderão levá-lo a compreender e escolher um destino que atenda as suas necessidades é uma opção crescente entre os jovens. E ao optar em sair dos pacotes turísticos a idealizar sua viagem, desde o seu planejamento a sua realização, se transforma num aprendizado que se completará com um verdadeiro intercâmbio de conhecimentos e experiências<sup>6</sup>.

(A.G.M)

Por fim, neste pequeno elenco de motivações, gostaria de destacar a prática de viagem, considerada por alguns mochileiros, como uma atuação crítica. As motivações, desse modo, também estariam relacionadas a determinadas aspirações políticas, no sentido de transformação social, como é possível notar, por exemplo, na proposta multi-colaborativa da rede social *CouchSurfing*:

Fundado em 2004, o *CouchSurfing* – ou CS, como seus integrantes costumam chamá-lo – é uma rede mundial de viajantes cuja proposta de viagem diferenciada tem atraído adeptos em 236 países. No ano de sua fundação, foram um pouco mais de 6 mil inscritos; em meados de 2009, quase 700 mil; e atualmente, 1. 725. 695 (FIGUEIREDO, 2010, p. 156).

---

sua filiação religiosa. Entretanto, no curso da conversa, ele me relatou que não se considerava religioso, localizando a riqueza da viagem no fato de ter estado sozinho, consigo mesmo, na possibilidade de “pôr as idéias no lugar” e, igualmente, na condição de desafio que impôs a si mesmo durante todo o trajeto.

<sup>6</sup> Disponível em: [www.mochileiros.com.br](http://www.mochileiros.com.br)



A *viagem diferenciada* consiste no estabelecimento de uma relação de *reciprocidade* entre os membros da rede, onde cada um põe, gratuitamente, suas possibilidades de acolhimento. Assim, o sofá transforma-se numa espécie de dádiva ao ser oferecido a um viajante, inserindo-o numa obrigação de retribuição, ao mesmo tempo em que credencia o oferecedor/doador a solicitar acolhimento aos demais membros da rede. A tríade maussiana (1974) – dar, receber e retribuir – funcionando, também no que respeita aos deslocamentos, produção de alianças.

Se a viagem, que não pode ser desvinculada da idéia de hospedagem, passa – ao longo da história – do *dom*, referente a uma pedagogia das hospitalidades, para a *economia*, simbolizada pelos primeiros albergues e por uma nascente sociabilidade hoteleira (ROCHE, 2003), o projeto de “surfe por sofás” apresenta-se como um crítica dessa passagem, apostando na problematização de tal processo de “economização” como uma via de mudança social.

A missão do grupo [The CouchSurfing Project], durante os dois primeiros anos, girava em torno da idéia de que o mundo era menos do que podíamos pensar, de que ele estava ao nosso alcance: *Showing That the World Is Smaller Than You Think* (“Mostrando que o mundo é menor do que você imagina”). Em 2006, após um colapso no sistema – que quase levou ao fim do grupo em razão da total perda de dados –, sua missão passou a ser *Participate in Creating a Better World, One Couch at a Time* (“Participe da criação de um mundo melhor, um sofá por vez”), que se tornou verdadeiramente um lema para seus integrantes (FIGUEIREDO, 2010, p. 156).

Além do desejo de transformação social, de exercício crítico, de vivência de um ideal de liberdade ou de aquisição de conhecimento, obviamente, outras motivações para as práticas de viagem poderiam ter lugar aqui. Contudo, optei por apresentar aquelas que, de forma mais recorrente, apareceram em minha pesquisa, seja no plano etnográfico, seja no da investigação situada no *cyberspace*. No tópico seguinte, procurei apontar algumas questões acerca dos lugares de acomodação dos mochileiros, bem como sobre as formas como eles *consomem* seus destinos.

## Práticas

A viagem, é importante falar, não começa com uma partida, não se inaugura no píer, no aeroporto ou numa estação, ela é produto de um movimento anterior àquele propriamente físico, localizado no terreno da imaginação. É neste momento específico que as primeiras questões quanto à viagem se manifestam, sendo das mais importantes as que dizem respeito aos lugares de acomodação dos sujeitos em trânsito.

Se um dos aspectos do deslocamento mochileiro é a economia, como assinala Oliveira (2005), *hostels* e *campings*<sup>7</sup> parecem ocupar uma posição de centralidade em tal experiência. Entretanto, seria simplista por demais tratá-los, unicamente, como alternativas mais econômicas em relação a hotéis ou pousadas. O *hostel*, figurando de forma mais recorrente no espaço urbano, e o *camping*, podendo ser encontrado de forma mais freqüente em espaços litorâneos ou rurais, talvez possam ser entendidos como espaços de *congregação de valores*, mobilizando algo para além do econômico, como a idéia de *contato*, por exemplo.

Desse modo, a acomodação em um albergue se constituiria como uma experiência de proximidade cujo corolário seria uma dupla afetação. A primeira delas podendo ser relacionada ao contato estabelecido entre sujeitos viajantes, proporcionando um intercâmbio de experiências bastante válido para um coletivo que é protagonista em relação as suas viagens, no sentido do poder decisório e da possibilidade de mudança de planos no próprio curso do deslocamento, como já mencionado.

Aqui [no *hostel*] é bom porque você está sempre conhecendo gente nova, mesmo viajando sozinho você nunca se sente só. É importante também porque você pega dicas, troca experiência, fica atento para as furadas, muito lugar eu só conheci porque peguei informação aqui, indicação de outras pessoas.

---

<sup>7</sup> Os *campings* constituem-se espaços abertos, planejados, onde é possível a armação de barracas. Normalmente, paga-se uma diária que dá direito a banheiro e chuveiros. O *hostel*, ou albergue, é constituído de quartos coletivos, alguns com até doze ou vinte camas. A premissa principal é o convívio coletivo; por isso, espaços grandes e convidativos para atividades em grupo marcam esse tipo de acomodação.

(C. M, cearense, 23 anos)

O segundo tipo de afetação é tributário do fato de ser o *hostel*, normalmente, um espaço freqüentado também pelos “locais”. Muitos albergues possuem bares, sala de jogos ou terraços, promovem festas ou churrascos, campeonatos de sinuca, onde a presença dos moradores do bairro, do entorno, é estimulada. A relação com o *staff*, (funcionários) que de forma geral é composto por pessoas da localidade, guarda igualmente o mesmo tom de proximidade: não é surpresa que, por volta da meia-noite, quando os bares do albergue costumam fechar para não incomodar suas vizinhanças, hóspedes e funcionários saiam juntos, na direção de clubes noturnos ou outros bares.

É válido frisar que tomar o *hostel* como um espaço de *congregação de valores* não significa considerá-lo lugar onde os conflitos não se manifestam. Sendo o albergue uma espécie de sítio, como afirmam Wilson e Richards (2004), caracterizado pela tentativa de aliar familiaridade e diferença, a possibilidade do conflito está sempre presente: seja em relação aos sujeitos mochileiros que não se desvencilham do seu *background* cultural, seja no que se refere à experiência de contraste radical frente à população local.

Os albergues, então, seriam “zonas de contato” (CLIFFORD, 1997) passíveis, obviamente, de se tornarem palco de conflitos. Concebê-lo, somente, pelo prisma da harmonia ou do equilíbrio incorreria no erro de não aceitar o *gap*, novamente segundo Wilson e Richards (2004), existente entre uma imagem difundida, uma ideologia (o albergue como lugar de paz, alegria, de exercício comunitário), e prática de viagem em si, recheada de tensões. Assim, a *ambigüidade* também deveria ser colocada como traço constituinte da natureza de tal espaço de acomodação.

Ainda acerca da temática do contato, é importante perceber que as interações vivenciadas entre mochileiros e entre mochileiros e “locais” repercutem diretamente na construção do olhar (URRY, 2000) destes viajantes. Ao interagir de forma mais próxima com o *staff* do albergue, por exemplo, os mochileiros estão diante da oportunidade de driblar a lógica dos cartões postais, elementos que se aproximam mais de “ideais que integram narrativas

de consumo para visitantes” (BARREIRA, 2008, p.107) que da cidade propriamente vivida.

Desse modo, uma nova prática de consumo, por parte deste coletivo específico de viajantes, se estrutura, valorizando, inclusive, os contra-usos da cidade (LEITE, 2007). O olhar mochileiro, portanto, parece constituir-se no interesse daquilo que Welk (2004) chamou de “beaten track”, espécie de caminhos outros, exploração e valorização das fissuras, das brechas, do inusitado, do radicalmente diferente, em termos de experiência turística, implicando, no limite, uma espécie de *anti-turismo*. Se o espaço público não pode ser tomado como homogêneo, devendo ser considerado como um espaço da diferença (ARANTES, 2000), onde múltiplas significações entram em disputa, os mochileiros parecem eleger as outras significações como objeto do seu olhar.

### **Considerações finais**

Em uma das minhas últimas idas ao Rio de Janeiro pude perceber no *frontdesk* de vários albergues a presença de cartazes mencionando uma empresa turística, sugestivamente, chamada de *Be a local*. O slogan, que não poderia expressar de forma mais direta os objetivos da empresa, dizia: *Don't be a gringo, be a local!* A idéia, portanto, era proporcionar uma espécie de imersão dos visitantes no universo local, chamando à baila, para isso, a noção de autenticidade residente em experiências tais como assistir a um jogo no Maracanã – não em cadeiras numeradas, mas em meio às torcidas organizadas dos grandes times da capital –, visitar a quadra de uma escola de samba em pleno aquecimento para o carnaval ou dançar freneticamente ao som do *funk* em um baile situado em uma das comunidades cariocas.

Sobre a emergência deste novo mercado algumas questões merecem ser pontuadas: Como caracterizar o “mochilismo” contemporâneo? Guardaria ele, ainda, alguma relação com os *drifters* de outrora, ou seria apenas mais um segmento, como assinalam Richards e Wilson (2004), “mcdonaldizado”? De que forma o projeto político presente em iniciativas como as do *The CouchSurfing Project* contribuem para a re-situação da prática de viagem em

uma perspectiva crítica? Como pensar o *gap* existente entre uma ideologia e uma prática *backpacker*?

Tais questões dão forma a uma avalanche de inquietações localizadas no bojo do fenômeno turístico, hoje em dia, como apontam vários pensadores (BARRETO, 2003; SANTANA, 2009), não podendo ser analisado sob o privilégio de uma ótica unidimensional. Para além das estruturas econômicas, a *mobilidade*, em sentido geral, acena para necessidade de se pensar uma nova constituição do social, sendo o deslocamento “bom para pensar”, parafraseando Lévi-Strauss, o estatuto dessa nova ordem mundial, cada vez mais conectada.

Novamente, para finalizar, penso ser importante ressaltar que esta comunicação apresenta-se sob a forma de um exercício, muitas vezes caótico, que visa a dividir muito mais que responder questões.

## Referências bibliográficas

ARANTES, Antonio (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BARREIRA, Irllys. Narrativas do olhar: Fortaleza em cartões postais. In: LEITE, Rogério Proença (Org.). **Cultura e vida urbana**: ensaios sobre a cidade. São Cristovão: Editora UFS, 2008.

BARRETO, Margarida. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

\_\_\_\_\_. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, nº 19, 2003.

BINDER, Jana. The whole point of backpacking: anthropological perspectives on the characteristics of backpacking. In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie (Orgs.). **The global nomad**: backpacker travel in theory and practice. Great Britain: Cromwell Press, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. Culturas viajantes. In: ARANTES, Antonio. **O espaço da diferença**. . Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Routes**: travel and translation in the late twentieth century. Cambridge: Harvard U P, 1997.

FIGUEIREDO, Ana Flávia Andrade. A reciprocidade como lógica determinante da experiência de viagem: o caso do CouchSurfing Project. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

OLIVEIRA, José Rui. Turismo backpacker/mochileiro. Em: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

ROCHE, Daniel. **Humeurs vagabondes**: de la Circulation des hommes et de l'utilite des voyages. Paris: Fayard, 2003.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. Em: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997, pp.19-24.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo**: analogias, encontros e relações. São Paulo: Aleph, 2009.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A viagem como experiência significativa. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sociology beyond societies**: mobilities for the twenty-first century. London: New Fetter Lane, 2000.

WELK, Peter. The beaten track: anti-tourism as an element of backpacker identity construction. In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie (Orgs.). **The global nomad**: backpacker travel in theory and practice. Great Britain: Cromwell Press, 2004.

